

---

HOMERO. *Odisséia*. Tradução do grego, introdução e análise de Donald Schüler. Porto Alegre: L&PM, 2007. 3 v. ISBN: 978852541636-0.

---

Depois de algumas décadas sem que se publicasse uma tradução brasileira de Homero na íntegra e em verso, o início do século XXI já nos trouxe, até agora, duas novas leituras desses poemas gregos: a primeira, da *Ilíada*, foi levada a cabo por Haroldo de Campos, e a segunda, da *Odisséia*, foi produzida pelo estudioso Donald Schüler.

Antes de tecer qualquer comentário acerca da tradução de Schüler, há de se ressaltar a importância dessas traduções: elas provam que sempre é relevante apresentar novas versões do texto grego, sob a luz de novos e diferentes critérios. A *Odisséia* que Schüler nos traz lança, sem dúvida, um novo olhar sobre a obra de Homero (em relação às outras traduções brasileiras que possuímos) e se apresenta de uma forma muito diferente das demais traduções, propondo-se a alcançar um âmbito maior de possíveis leitores, que não precisam ser conhecedores de Letras Clássicas para compreender o seu texto. As traduções de Homero, grande parte produzida no meio acadêmico, normalmente são sisudas e demasiadamente elaboradas para o público leigo, o que impossibilita que se popularize, em certa medida, a obra deste poeta grego.

Feitas estas ressalvas, partamos à análise da tradução de Schüler pensando somente em suas características intratextuais e nos critérios pré-estabelecidos pelo tradutor.

Schüler estabelece como objetivo de sua tradução fazê-la fluente (sem, portanto, apresentar uma grande dificuldade sintática ou lexical) e construir um diálogo entre o tempo do texto e o nosso tempo presente. As repetições, típicas da tradição oral, são suavizadas ou mesmo suprimidas, de modo a não causar estranheza ao leitor, acostumado com a linguagem da literatura escrita.

Consideramos de extrema relevância a tentativa de “afrouxar” a sintaxe e a escolha vocabular, pois este processo não apenas permite que se tenha um maior número de leitores de Homero como também é fiel ao Homero que encontramos em grego já que, salvo algumas “estranhezas” morfológicas, trata-se de um autor que não apresenta maiores dificuldades gramaticais. Mas como isso é feito por Schüler?

Unindo a vontade de afrouxar o texto à vontade de aproximá-lo de nós, Schüler força a mão em expressões que são de nosso uso diário (ou, pelo menos, de nosso conhecimento). Uma série de exemplos desse tipo de recurso empreendido pelo tradutor poderia ser elencada; trarei, agora, apenas cinco deles: primeiro, no Canto I, v. 346, quando Telêmaco pergunta a sua mãe

porque ela não permite que o aedo de-leite a todos através do canto “da forma que o seu *nóos* o impele”, o tradutor opta pelo corrente “Queres cortar-lhe as asas da imaginação?”; no mesmo Canto I, v. 420, após o passo em que Telêmaco conversa com Atena, que se apresenta como Mentos, encontramos, literalmente, “assim falou Telêmaco, mas no peito reconheceu a deusa imortal”, Schüller prefere “Assim falou o filho de Odisseu./ Que reconheceu a deusa era segredo/ de sete chaves”; no Canto IV, v. 397, o “Dominar um imortal não é sopa” (para Carlos Alberto Nunes, “É mui difícil aos homens lutar contra os deuses eternos”, e para Odorico Mendes, “Não é para mortais vencer a numes”); no Canto V, v. 211, quando Calipso conversa com Odisseu comparando-se a Penélope, em contraste com o “Mas me envaideço de em nada inferior ser à tua consorte” de Nunes, Schüller se vale de “Não sou de se jogar fora”; finalmente, no Canto VIII, v. 320, no fim da fala de Hefesto, ele se refere a Afrodite dizendo que “se, de fato, é bonita, carece, realmente, de pejo” (Nunes) ou, na versão de Schüller, “É moça bonita? Está bem! Mas de fogo no rabo!”

Se a tradução de Schüller parece ser, em um primeiro momento, a mais acessível, notamos que a utilização dessas expressões correntes, algumas de registro baixo, eliminam o tom elevado que é justamente aquilo que caracteriza o gênero épico. Ver uma imortal como Calipso dizendo que “não é de se jogar

fora” ou Afrodite sendo caracterizada como a deusa “de fogo no rabo” é algo que produz no leitor justamente o efeito oposto da elevação: aquele que se aproxima do cômico. Consideramos, portanto, que o resultado desse critério de Schüller não dá conta de um dos mais importantes elementos constituintes da poesia épica. Além disso, o texto apresenta em muitos passos uma seleção vocabular oposta da apresentada por nós até aqui, difícil e bem menos acessível (por exemplo, I, v. 64, “a *sebe* dos dentes”, I, v. 72-3, “encarregado da cura do mar/ sem *messe*”, V, v. 192, “a *excelsa* divindade”<sup>1</sup>). Ou seja, ao mesmo tempo em que Schüller rebaixa o tom épico tentando aproximar o poema de nós, em muitos passos ele utiliza palavras que não são de conhecimento geral, fazendo com que a leitura do poema continue sendo difícil para muitos.

Um outro elemento que se põe é o estilo. A *Odisséia*, fruto da tradição oral, formular, possui muitas repetições, tanto de partes de versos como de versos e até mesmo de grupos de versos inteiros. Outra questão notável de estilo em Homero é que um dos motivos para que sua sintaxe seja tão simples é justamente o fato de que normalmente o poeta não utiliza mais de um verso para expressar

<sup>1</sup> Os grifos são meus. Outros exemplos de termos utilizados pelo tradutor são “lacustre” (III, 1), “proceloso” e “grevados” (III, 149), entre outros.

uma idéia, não sendo, assim, comum a utilização de cavalgamentos. Conforme já mencionamos, Schüller manifesta na apresentação da tradução o seu desejo de não causar estranheza no leitor com a manutenção dessas repetições e, portanto, suprime-as ou as suaviza, variando em português a tradução de um único termo grego. Essa decisão é a mais comum por parte dos tradutores de Homero em Língua Portuguesa<sup>2</sup>. Para tentar criar a mobilidade do grego, que reside justamente no fato dos versos conterem uma unidade de sentido em si mesmos, ele fraciona as sentenças no português o máximo possível (VIII, v. 320, já citado aqui, é exemplo disso). Conseqüentemente, a noção de verso como unidade é perdida, e os cavalgamentos são inúmeros. Emblemático disso é o proêmio: o original grego apresenta apenas dois cavalgamentos (v. 1 e 8), enquanto a tradução de Schüller traz apenas dois versos que não apresentam esse recurso (v. 2 e 10). Assim, a preocupação de Schüller não é a de manter o estilo homérico; antes, é de recriá-lo tornando-o algo que parece ser fruto de uma tradição escrita. Mais uma vez, o movimento que Schüller tenta fazer é de aproximação do texto em relação a nós, e mais uma vez fica a pergunta: não seria

também o estilo um importante elemento caracterizador do gênero épico?

Outras soluções do tradutor, mais pontuais, nos pareceram pouco satisfatórias; citaremos três delas, retiradas dos cantos VIII e IX, passos cruciais do poema. No Canto VIII, v.111-15, por exemplo, o nome dos feáceos que vão competir na praça remetem, todos, a elementos marinhos (proa, remo, mar, etc.). Nesse caso, a simples transliteração dos nomes para o português deixa escapar essa esfera semântica importante do grego, que sublinha a fortíssima ligação desse povo com a prática náutica. Também no Canto VIII, nos amores de Ares e Afrodite, v. 283, o poeta nos diz que Hefesto “pareceu ir para Lemnos”; Schüller traduz o *eidomai* por “pretextou”, que tira a idéia de “aparência”, muito cara ao passo: trata-se da narração de um episódio que envolve a astúcia, conceito que se realiza justamente na confusão entre aparência e realidade. Ares e Afrodite se deixam enganar pelo que Hefesto faz parecer ser (a saber, a sua falsa viagem), mas a realidade é outra: ele volta e flagra os amantes no ato da traição. No Canto IX, v. 365, o “Nulisseu” forjado pelo tradutor também não convence: funcionaria mais a utilização do “Ninguém”, simplesmente. Cabe ressaltar que a escolha do termo aqui é muito importante, já que não pode fugir do sentido de “ninguém” expresso no grego, pois só assim a astúcia de Odisseu pode funcionar: apenas se Polifemo

<sup>2</sup> No entanto, a maior parte dessas traduções foi feita antes do ápice da teoria oral da poesia homérica, que elucida os motivos, mecanismos e mesmo a formação de significados dessas fórmulas.

afirmar que “ninguém” o fere os demais ciclopes pensarão que ele está privado de sã consciência. Por isso Schüller é obrigado a colocar “Nulisseu ou Ninguém/ é meu nome”: o Nulisseu forjado por ele, apesar de trazer a idéia do nulo e fazer um trocadilho com o nome do herói, não dá conta do sentido necessário no passo. Por que, então, adicioná-lo, se o “ninguém” sozinho cobre o significado que é preciso?

Para quem lê grego, a edição bilingüe decepciona, com o notável problema de configuração que fez com que as letras acentuadas e com espírito ficassem maiores que as demais. Para quem quer se deleitar apenas com o português, uma série de erros na colocação das aspas em falas de personagens, faltas de hífen, erros de digitação e faltas de letras em meio de palavra também dão a impressão de uma edição feita às pressas, sem o devido cuidado.

Os pontos altos da tradução de Schüller são, sem dúvida, a sonoridade que ele consegue obter no português (e que condiz com a sonoridade grega em muitos passos) e o afrouxamento sintático, que deixa a leitura mais fluente.

Apesar de o estilo truncado de sentenças curtas praticamente fazer com que a forma em verso não se justifique, o cuidado sonoro por parte do tradutor origina trechos belíssimos (por exemplo, I, v.48-9, “Pulsa-me, porém, por outro o coração. Sabes do sábio/Odisseu? O desdido padece pena, há muito (...)”, III, v.

294-6, “Lá silva/ sinistro o Sol impetuoso contra o Festo, pedra/ pequena, pega-vagalhões”.

Quanto à facilidade sintática da tradução, ela é louvável; um dos recursos utilizados por ele é nomear mais os personagens, quando no grego eles são apenas referidos pelos artigos (que também funcionavam como pronome no dialeto homérico). Só é de se lamentar que este recurso tenha feito com que Odisseu fosse nomeado já no v. 13 do poema, e não no v. 21, como acontece no grego.

Considerações feitas, é relevante reforçar que certamente o trabalho de Schüller merece ser lido e respeitado, mas, acima de tudo, merece ser objeto de reflexão. Seus critérios e objetivos apontam para uma lacuna grave no repertório de traduções dos Estudos Clássicos, notadamente de Homero. Que muitas outras traduções venham, dentro ou fora dos protocolos acadêmicos, e que consigam, de alguma forma, resgatar os Clássicos para os fãs de Literatura sem fazer com que esses Clássicos percam a sua essência.

LILIAN AMADEI SAIS  
PPG Letras Clássicas  
FFLCH/USP